vinetur

O valor das vinhas de primeira linha de Bordéus caiu mais de metade desde 2021

Pauillac e Margaux registaram quedas reais de cerca de 50%, refletindo a quebra das exportações, a menor capacidade para fixar preços e um desequilíbrio prolongado entre a oferta e a procura

segunda-feira, 16 de novembro de 2026



França reviu em alta a previsão para a vindima de 2026, mas as perspetivas mais favoráveis pouco contribuem para aliviar a pressão sobre uma das suas regiões vitivinícolas mais importantes. Os novos dados mostram que Bordéus não enfrenta apenas vendas e exportações mais fracas. O valor das terras vitícolas em algumas das

suas denominações de origem mais conhecidas também caiu acentuadamente, em termos reais, desde 2021.

O Ministério da Agricultura francês anunciou, a 6 de novembro, que a produção nacional de vinho deverá agora atingir 36,7 milhões de hectolitros, acima dos 34,9 milhões de hectolitros previstos um mês antes. Mesmo com esta revisão em alta, a vindima ficará ainda 10% abaixo da média de 2021-2025. Será, contudo, 3% superior à colheita de 2025, uma das mais fracas das últimas décadas.

O quadro nacional esconde grandes diferenças regionais. A produção do Languedoc-Roussillon deverá recuperar 25% face à vindima anterior. Em Bordéus, prevê-se um aumento de 10% em relação a 2025, embora a produção continue abaixo da média histórica recente. Já na bacia da Borgonha-Beaujolais, a produção deverá cair 22% face ao ano anterior, após uma época de crescimento muito quente e seca.

Na Borgonha, a campanha de 2026 foi invulgarmente precoce. Segundo o Comité des Vins de Bourgogne, a vindima para a produção de Crémant começou a 8 de agosto no Mâconnais, seguindo-se, alguns dias depois, a das uvas para vinhos tranquilos. A associação interprofissional afirmou que as reservas de água acumuladas no inverno ajudaram as videiras a enfrentar o stress do verão, enquanto as condições secas limitaram a pressão das principais doenças fúngicas. As primeiras avaliações apontavam para uvas sãs e uma forte concentração, mas eram opiniões preliminares dos produtores, não uma avaliação definitiva da colheita.

As autoridades agrícolas regionais da Bourgogne-Franche-Comté fizeram uma leitura mais cautelosa dos volumes. Os seus dados apontam para uma colheita quantitativamente dececionante, com particular fragilidade nos vinhos tintos. Assim, a vindima poderá revelar-se qualitativamente atrativa para alguns produtores da Borgonha, mas será claramente mais limitada em termos de oferta.

O problema de Bordéus vai além da dimensão da vindima. A recuperação da produção prevista para este ano não representa um regresso à normalidade. A produção deverá continuar 11% abaixo da média dos últimos cinco anos, em parte porque a área de vinha foi deliberadamente reduzida para aproximar a oferta da procura.

O sinal mais claro da pressão poderá estar nos preços das terras. Os dados da Agreste, a agência francesa de estatísticas agrícolas, reformulados pela American Association of Wine Economists e ajustados à inflação para preços de 2025, mostram fortes quedas nos valores de referência das vinhas entre 2021 e 2025. Em Pauillac, o valor médio de referência por hectare passou de cerca de 3,41 milhões de euros para 1,7 milhões, uma descida de 50,1%. Em Margaux, caiu de 1,70 milhões de euros para 800 000 euros, menos 53,1%.

Outras denominações de origem de Bordéus também registaram quedas acentuadas. Saint-Émilion desceu de 340 900 euros para 200 000 euros por hectare, uma queda de 41,3%. Sauternes passou de 34 100 euros para 20 000 euros, também menos 41,3%. No conjunto das vinhas AOP da Gironde, o valor médio de referência caiu de 149 600 euros para 85 600 euros por hectare, uma descida de 42,8%.

Estes valores não correspondem ao preço pago em todas as transações de vinhas, nem constituem uma avaliação direta das propriedades mais famosas. Nas principais denominações de origem, as vendas são relativamente raras e cada propriedade pode ser transacionada por valores muito diferentes das médias regionais. Ainda assim, a tendência é difícil de ignorar. Um mercado que durante muito tempo considerou as terras de primeira linha de Bordéus um ativo de valor duradouro reflete agora expectativas menos favoráveis quanto à rentabilidade futura.

As consequências vão muito além dos proprietários das terras. O valor das vinhas influencia a capacidade de obter crédito, as decisões de investimento, os balanços e as condições de venda das propriedades. Para o setor vitivinícola, uma base de ativos de menor valor pode afetar o financiamento, a consolidação e a disponibilidade dos compradores para entrar no mercado, sobretudo numa região que já procura reduzir o excesso de capacidade.

Os dados das exportações ajudam a explicar esta mudança de expectativas. Segundo os números da DRAAF Nouvelle-Aquitaine, as exportações de vinho de Bordéus totalizaram cerca de 1,36 milhões de hectolitros no final de 2025, no valor aproximado de 2 mil milhões de euros. Face a 2024, a descida foi de 9% em volume e 7% em valor.

Alguns dos maiores mercados externos de Bordéus registaram fortes quebras. As exportações para a China caíram 34% em volume e 27% em valor. Os envios para os Estados Unidos diminuíram 14% em volume e cerca de 32% em valor. O Canadá foi uma exceção assinalável, com as exportações a aumentarem 12% em volume e 18% em valor.

A pressão não ficou por aqui. Nos 12 meses terminados em julho, as exportações de Bordéus caíram para cerca de 1,31 milhões de hectolitros, no valor de 1,82 mil milhões de euros. Face ao período de 12 meses anterior, registaram quebras de 7% em volume e 14% em valor. A descida mais acentuada do valor do que do volume sugere uma menor capacidade para fixar preços, agravando a pressão económica sobre os produtores.

Uma das razões é a forte exposição de Bordéus aos vinhos tintos, numa altura em que o consumo desta categoria abrandou em vários mercados. A região respondeu com uma redução em grande escala da área de vinha. A DRAAF Nouvelle-Aquitaine afirmou que, até maio, os programas de arranque de vinha com apoio público abrangeram 12 284 hectares na Gironde. Foram ainda arrancados cerca de 8 700 hectares sem ajudas públicas. No total, a área retirada de produção entre agosto de 2023 e maio chegou a cerca de 21 000 hectares.

O objetivo público não era apenas reduzir os riscos fitossanitários associados às vinhas abandonadas, mas também atenuar o desequilíbrio entre a capacidade produtiva e a procura comercial. Ainda assim, a redução da área, por si só, não resolve os problemas relacionados com a distribuição, o posicionamento no mercado e a mudança dos gostos dos consumidores. Uma colheita maior em 2026 poderá ajudar alguns viticultores após vindimas fracas, mas, num mercado débil, também poderá aumentar a pressão sobre os preços se as vendas não melhorarem.

A Borgonha enfrenta outro conjunto de pressões. A região também registou uma procura internacional mais fraca, mas, no geral, o desempenho das exportações tem sido mais resiliente. O Comité des Vins de Bourgogne afirmou que as exportações totais de vinhos da Borgonha aumentaram 3,7% em volume em 2025, enquanto o valor caiu 1,8%, para cerca de 1,617 mil milhões de euros.

Dentro deste total, porém, os vinhos tintos revelaram maior fragilidade. Segundo dados da alfândega francesa compilados pela American Association of Wine Economists, as exportações de vinhos tintos AOP da Borgonha engarrafados, com teor alcoólico até 15%, caíram para 700,73 milhões de euros em 2025, face a 740,70 milhões de euros em 2024. Foi uma descida de 5,4%.

A maior pressão veio dos dois principais mercados da Borgonha para esta categoria. As vendas para os Estados Unidos caíram de 156,33 milhões de euros para 128,70 milhões, menos 17,7%. As exportações para o Reino Unido desceram de 111,23 milhões de euros para 95,41 milhões, menos 14,2%. Em conjunto, estes dois mercados perderam mais de 43 milhões de euros, uma quebra superior à descida líquida da categoria no seu conjunto, o que significa que os ganhos noutros mercados compensaram parcialmente as perdas.

O Japão manteve-se relativamente estável, com uma subida de 1%, para 71,20 milhões de euros. Hong Kong avançou 13,4%, para 60,82 milhões de euros. O Canadá cresceu 8,8%, para 26,86 milhões de euros. Singapura também registou uma subida, enquanto Itália aumentou 13,7%, para 11,75 milhões de euros, e Espanha cresceu 22,9%, partindo de uma base menor. A China recuou 6,7%, Taiwan caiu 15,6% e a Coreia do Sul, 14,6%. Os Estados Unidos continuaram a representar cerca de 18% do valor das exportações de vinhos tintos da Borgonha abrangidas pelos dados, demonstrando a importância que o mercado americano mantém, mesmo num contexto de maior diversificação das exportações.

O modelo de negócio da Borgonha também difere do de Bordéus. A região tem dependido há muito de uma oferta limitada, de denominações de origem muito fragmentadas e de uma forte procura mundial por terroirs e climats específicos. Esta estrutura ajudou a sustentar o valor, sobretudo no caso dos rótulos mais procurados. Mas não torna a região imune ao abrandamento do mercado.

A associação interprofissional da Borgonha afirmou em março que as expedições de vinho engarrafado das propriedades durante os primeiros seis meses da campanha de 2025-2026 caíram para 286 460 hectolitros, face a 304 197 hectolitros no ano anterior, uma descida de cerca de 5,8%. Estes números medem as saídas das propriedades, e

não as vendas finais aos consumidores, mas apontam ainda assim para uma procura cautelosa nas fases iniciais da cadeia de abastecimento. Ao mesmo tempo, aumentaram os movimentos de vinho a granel, mosto e uvas, impulsionados pela maior colheita de 2025. A associação interprofissional afirmou que os stocks tinham regressado a níveis mais próximos dos habituais nos últimos anos.

O contraste entre Bordéus e a Borgonha mostra que as dificuldades do setor vitivinícola francês não são uniformes. Bordéus enfrenta um desajustamento estrutural entre a oferta e a procura, que está a pesar sobre as exportações, as margens e o valor dos ativos vitícolas. A Borgonha enfrenta uma procura mais fraca e incerteza relacionada com o clima, mas continua a beneficiar de um modelo de oferta assente na escassez e na identidade das denominações de origem. Na prática, Bordéus está a tentar vender uma base historicamente ampla de vinhos tintos num mercado mais fraco, enquanto a Borgonha procura preservar o valor e a quota de mercado com volumes menores e menos previsíveis.